

Capítulo I

O pesadelo surgiu das profundezas de seu sono sem sonhos. Em um segundo Nell estava mergulhada num sono tranquilo, e em outro estava presa naquele pesadelo. Lutando contra as cobertas em sua cama, ela tentava escapar das horríveis imagens que atravessavam seu cérebro, porém era inútil, assim como nas outras noites.

Como acontecera antes, ela assistia indefesa aos terríveis atos praticados à sua frente. O cenário era sempre o mesmo, um lugar escuro, parecido com uma masmorra escondida sob as fundações de uma antiga construção. As paredes e o chão eram compostos por pedras cinzas e pesadas; a luz fraca que vinha das velas revelava os instrumentos de tortura de uma outra época, de uma Inglaterra mais selvagem, instrumentos que eram usados por *ele* de acordo com seu humor.

A vítima naquela noite, como das outras vezes, era uma mulher, jovem e amedrontada. Seus enormes olhos azuis estavam tomados pelo terror, um terror que parecia agradar seu carrasco. A luz das velas sempre iluminava o rosto das mulheres, enquanto o homem permanecia nas sombras, a face oculta, embora cada ato seu sobre a jovem

ficasse muito claro para Nell. No fim, após ele ter feito o que havia de pior e jogar o corpo em um buraco na masmorra, a luz se apagava e Nell conseguia sair daquele pesadelo.

Dessa vez não foi diferente. Livre daquelas imagens, um grito surgiu em sua garganta. Nell levantou-se de repente, com os olhos verdes brilhando por causa das lágrimas não derramadas e do horror. Lutando para não gritar, ela olhou ao redor e sentiu-se aliviada ao perceber que tudo tinha sido apenas um pesadelo. Estava segura na casa de seu pai em Londres, a mobília em seu quarto tomando forma com a luz que vinha do fogo na lareira e a claridade suave que se infiltrava pelas cortinas. Do lado de fora das janelas vinham os sons familiares de Londres, o tropel de cavalos, o rodar de carruagens e os gritos distantes de vendedores, oferecendo produtos como vassouras, leite, legumes e flores.

Nell sentiu um arrepio e cobriu o rosto com as mãos, pensando se aqueles pesadelos nunca iriam terminar. Respirou fundo, afastou para trás uma mecha do cabelo castanho-claro e inclinou-se para apanhar a jarra de água que sua criada havia deixado sobre a mesa de mármore perto de sua cama. Derramou um pouco no copo ao lado e bebeu a água em um único gole.

Sentindo-se melhor, sentou-se na cama e, olhando para a agradável penumbra do quarto, tentou colocar os pensamentos em ordem e sentir algum conforto por saber que estava a salvo, ao contrário da pobre criatura em seu pesadelo.

Eleanor “Nell” Anslowe nunca fora incomodada na infância por pesadelos. Sonhos ruins nunca haviam perturbado seu sono até aquele trágico acidente, no qual ela

quase perdera a vida, quando tinha dezenove anos.

Era estranho como sua vida fora maravilhosa antes da tragédia e como isso mudara nos meses que se seguiram. A primavera daquele ano horrível fora testemunha de seu triunfo na temporada em Londres e de seu noivado com o herdeiro de um ducado.

Nell retorceu os lábios. Tendo acabado de celebrar seu vigésimo nono aniversário, em setembro, e olhando para trás, dez anos antes, parecia incrível que um dia ela fora uma jovem alegre e confiante, que tinha ficado noiva do melhor partido daquela temporada, o filho mais velho do duque de Bethune. Quando Aubrey Fowlkes, marquês de Giffard e herdeiro do duque, declarou que pretendia se casar com a filha de um mero barão, mesmo que bastante rico, houve muito falatório sobre aquele noivado, na primavera de 1794.

E isso não foi tudo, pensou Nell, contrafeita. O noivado fora rompido naquele ano, o mesmo ano em que ela sofreu uma queda do cavalo que quase a matou e a deixou com uma perna que nunca havia curado de todo. Até agora, ela ainda andava mancando, principalmente quando estava cansada.

Nell levantou-se da cama e foi até uma das enormes janelas com vista para o jardim da casa. Afastou as cortinas e abriu a porta dupla que dava para a sacada. De lá olhou para o terraço de pedra e para as esculturas que o rodeavam, a suave luz do sol da manhã começava a tocar as roseiras mais altas. Seria um adorável dia de outubro.

Ela se levantara cedo naquela manhã, dez anos antes, e correria para os estábulos. Ignorando os conselhos de seu pai para não cavalgar sozinha pelos rochedos, ela nem mesmo chamou o cavaleiro, uma vez que sua montaria

favorita, Firefly, já estava selada. E assim, galopou para longe da casa.

Ela e a égua estavam ansiosas para passear nas pradarias, sentindo o ar fresco da manhã e o calor gostoso dos primeiros raios de sol.

Nunca ficou claro o que causara o acidente de Nell, pois após recobrar a consciência, ela não se lembrava de nada. Aparentemente, a égua tinha tropeçado e ambas foram atiradas para o fundo de um penhasco. A única coisa que evitou que Nell morresse naquele dia foi ela ter caído numa saliência do rochedo. Firefly morreu nas pedras, lá embaixo.

O desaparecimento de Nell não foi percebido por algumas horas, e quando ela foi encontrada já estava começando a escurecer. Um dos homens munidos de lanternas a avistou e gritou, chamando os companheiros. Levou horas para que conseguissem trazê-la para cima, e foi uma sorte ela ter ficado inconsciente durante toda a operação de resgate. Ela não acordou nem mesmo ao chegar em casa e ser atendida pelo médico, que cuidou dos ossos quebrados de seu braço e de sua perna. Naqueles primeiros dias, todos temiam que ela nunca se recuperasse.

Aubrey foi avisado imediatamente, e Nell reconhecia que tinha de dar crédito a ele por ter vindo tão rápido, e ter permanecido por duas longas semanas em Meadowlea, enquanto esperavam que ela acordasse, imaginando se isso aconteceria.

Vários dias se passaram antes que ela recobrasse totalmente a consciência e compreendesse o que estava acontecendo. Mesmo assim, estava bastante confusa, e ouvia os comentários sussurrados de que talvez a pancada na cabeça a tivesse deixado abobada. Diante dessa possibilidade,

ninguém estranhou quando sir Edward disse a Aubrey e ao duque que entenderia perfeitamente se eles achassem melhor cancelar o noivado.

Aubrey não pensou duas vezes. Afinal, sua esposa um dia seria uma duquesa, e aquela criatura abatida e inerte deitada lá em cima não era a mulher que ele tinha em mente quando a pedira em casamento.

Naquele mês de novembro, o noivado foi terminado discretamente, apenas cinco meses depois de ter sido anunciado.

A recuperação de Nell foi lenta, mas na primavera seguinte, a confusão mental tinha desaparecido, o braço tinha sarado, e ela conseguia caminhar pela propriedade com a ajuda de uma bengala. Com o passar do tempo, as únicas consequências da queda quase fatal eram sua perna e os pesadelos.

Muito do que acontecera durante a recuperação, Nell não se lembrava. A única coisa clara em sua mente era o pesadelo que a assombrava. O primeiro deles passava pela sua cabeça repetidamente e fora diferente dos que ela tinha agora. A vítima era um homem, e o crime acontecera numa floresta. Mas o desfecho fora o mesmo de sempre: uma morte horrível pelas mãos de alguém oculto pelas sombras. Só depois é que as vítimas passaram a ser mulheres, e uma masmorra o cenário da brutalidade e do assassinato.

Enquanto sua recuperação progredia, Nell esperava que os pesadelos desaparecessem, que fossem apenas uma estranha consequência de sua queda.

No verão, eles finalmente cessaram. Ela passou o outono e o inverno contente e aliviada, desfrutando noite após noite um sono tranquilo e reparador.

Até aquela noite, quando o pesadelo voltara a assombrá-la.

Suspirando, Nell desviou a vista do jardim e foi avivar o fogo na lareira. Assim como sua perna defeituosa, os pesadelos haviam se tornado uma parte dela, com a diferença de que a perna a incomodava constantemente, enquanto os pesadelos aconteciam de vez em quando. Às vezes, um ano inteiro podia se passar sem que ela tivesse um único pesadelo. Após cada um deles, ela rezava para que tivesse sido o último; porém, mais cedo ou mais tarde, ele reincidia, com poucas mudanças apenas: o rostos das mulheres e o grau de selvageria. No mais, era sempre igual, aterrador.

Nell se deu conta de que era a terceira vez naquele ano que ela tinha o pesadelo. Mas dessa vez fora pior, porque ela tinha a impressão de que conhecia a moça, de que já tinha visto aquele rosto antes.

Nell pegou o robe que estava no encosto da poltrona e o vestiu, tentando se livrar da sensação desconfortável do sonho. Como podia achar que conhecia a moça que estava sendo assassinada? Não era possível, não fazia sentido. Talvez estivesse com aquela impressão porque já tivesse sonhado alguma vez, antes, com aquele mesmo rosto.

Sim, só podia ser isso.

Não totalmente convencida, ela foi para o quarto de vestir e colocou a água de uma jarra de porcelana numa bacia. Lavou o rosto, tentando afastar da mente aqueles pensamentos. Tinha um dia atarefado pela frente; todos iriam para Meadowlea no decorrer daquela semana, e havia muito a ser feito.

Quando Nell chegou à sala do café, não ficou surpresa ao encontrar seu pai, apesar de ser tão cedo. Depois de passar por onde ele estava sentado e dar-lhe um beijo na face, ela foi até o aparador e serviu-se de uma torrada, geleia, um bolinho e uma xícara de café, para então sentar-se à mesa com o pai.

Aos sessenta e nove anos, a não ser pela cabeça calva, sir Edward ainda era um homem bonito. Nell havia herdado seus olhos, a estatura e o físico esbelto, mas os cabelos castanhos e as belas feições eram de sua mãe, Anne, assim como o riso espontâneo e melodioso que iluminava os olhos verdes. Naquela manhã, porém, eles estavam anuviados. Edward olhou para ela e franziu a testa.

— Teve outro pesadelo, querida? — perguntou, conhecendo muito bem a filha.

Nell fez uma careta e assentiu.

— Ainda bem que, pelo menos, foi já de manhãzinha. Consegui dormir boa parte da noite antes disso.

Por um momento, a expressão dele ficou triste. A esposa havia morrido havia catorze anos, e ele ainda sentia falta dela, especialmente quando ficava preocupado com Nell. Anne saberia o que fazer. Uma moça precisava da mãe...

A porta da sala se abriu e ele viu o filho entrar.

— Levantou cedo, rapaz. Alguma coisa importante para fazer hoje?

Robert sorriu e respondeu por sobre o ombro, enquanto se servia de presunto e ovos:

— Prometi a Andrew que iria com ele olhar alguns cavalos puro-sangue. Não tive escolha senão concordar

em sair de Londres não depois das oito da manhã! Não sei onde estava com a cabeça...

Robert tinha trinta e dois anos e era o herdeiro e mais velho dos filhos de Edward. A seguir vinham os gêmeos, Andrew e Henry; Nell era a caçula.

Robert parecia-se muito com o pai; era alto e magro, tinha a mesma cor de olhos, o queixo quadrado e os maxilares angulosos. Os fartos cabelos castanhos, ele agradecia constantemente por ter herdado da mãe.

Lançando um olhar para a irmã enquanto tomava seu café, Robert perguntou:

— Andrew comentou com você sobre esse cavalo que está tão interessado em comprar?

Nell meneou a cabeça afirmativamente.

— Ele não fala sobre outra coisa nas duas últimas semanas.

— Você acha que existe alguma chance de o animal ter pelo menos a metade do potencial que Andrew alega?

— Eu o vi no primeiro dia em que o proprietário o trouxe para a cidade. É um garanhão muito bonito de se olhar, mas não tem personalidade. Andrew ficou atraído pela beleza do cavalo.

— Eu sabia! Esperava que ele tivesse aprendido a lição depois da última compra.

— Dê algum crédito ao menino — interveio Edward. — Ele não tem culpa de não ter os mesmos olhos que Nell quando se trata de cavalos.

— Menino? — Nell riu. — Papai, esqueceu que Andrew e Henry têm trinta anos? Nenhum deles é mais um menino.

O assunto da conversa acabara de entrar na sala, e bastava um olhar para saber que os dois eram gêmeos.

Andrew era apenas um pouco mais alto e dez minutos mais velho que o irmão, Henry. Poucas pessoas, a não ser aquelas que os conheciam muito bem, podiam distingui-los: os dois possuíam nariz aquilino, queixo firme, olhos e cabelos castanhos. Eram um pouco mais baixos que Robert e tinham o mesmo tipo físico do resto da família.

Andrew era major da cavalaria e estava servindo com o coronel Arthur Wellesley na Índia. Tendo sido ferido durante os últimos dias da batalha contra os Mahrattas, ficara em Londres alguns meses para se recuperar. Henry também era major, mas não tão audacioso quanto o irmão, escolhera o regimento de infantaria. Ele havia participado de batalhas na Europa, mas agora servia na cavalaria de Londres.

— Ah — Andrew comentou com um sorriso no rosto, — você está acordado. Eu apostei com Henry que teríamos que acordá-lo.

— Você perdeu — Robert respondeu ao levantar-se da mesa. — Estou pronto. Vamos ver esse incrível cavalo que você encontrou.

— Perda de tempo — murmurou Henry para Robert.

Os três saíram, deixando Edward e Nell na sala.

— E o que você pretende fazer hoje, minha querida? — indagou Edward.

— Nada tão excitante como comprar um cavalo — respondeu Nell. — Se formos partir na segunda, como o combinado, devo fazer os planos finais com a sra. Fields e Chatham. O senhor vai deixar alguns criados aqui, ou vai todo mundo conosco para Meadowlea?

— Você vê algum motivo para alguém ficar para trás?

— Ladrões?

Edward balançou a cabeça.

— Nós levaremos toda a prataria, e a não ser pela mobília, ficará pouquíssima coisa para ser roubada.

— E a adega?

— Está segura atrás de uma porta forte e bem trancada. Chatham assegurou que meus vinhos estarão seguros.

— Muito bem, então, vou arrumar o que fazer — ela disse ao se levantar. — Eu é que não quero discutir com Chatham.

Ao passar pelo pai, ele segurou uma das mãos dela. Nell o fitou, surpresa.

— O que foi?

— Você é feliz, Nell? Sei que esta foi a primeira vez que você veio comigo para Londres em anos. Tem sido muito ruim? — Ele tinha uma expressão preocupada. — Foi difícil ver Bethune e a esposa?

— Bethune? — ela perguntou, atônita. Demorou alguns segundos para registrar que o pai se referia a Aubrey, atual duque de Bethune. — Oh, não, eu o esqueci há muito tempo! Afinal, já faz dez anos.

Vendo que ele não ficara totalmente convencido, beijou-o na cabeça.

— Papai, eu estou bem. Meu coração não está partido, mesmo que uma vez eu tenha chegado a pensar que sim. — Ela sorriu. — E quanto àquela esposa dele, ele teve o que merecia. Aubrey não deveria ter concordado tão depressa em me dispensar.

— Em parte, a culpa foi minha. Eu o deixei à vontade para terminar o compromisso. Se eu não tivesse feito isso, hoje você poderia ser uma duquesa, uma grande dama da sociedade.

— E profundamente entediada e infeliz. Não, papai, o senhor fez o que devia fazer. Ele é que não teria

aceitado tão depressa, se gostasse de mim de verdade. Se ele concordou tão rápido, é porque não se importava comigo como eu pensava. Sendo assim, estou muito melhor sem ele, mesmo sem ter um título.

— Para mim, a sua felicidade sempre esteve acima de qualquer outra coisa, minha filha. Claro que eu estava orgulhoso com seu noivado, mas o título é o que menos importa. Ainda assim, confesso que eu gostaria de ver meus filhos casados e cada um com sua própria família. — Ele suspirou. — Honestamente, Nell, me incomoda que nenhum de vocês tenha se casado ainda. Robert é meu herdeiro... Ele já deveria estar casado, e com filhos. Eu gostaria de segurar pelo menos um ou dois netos no colo antes de morrer. Quanto aos gêmeos... pensei que pelo menos um deles estaria casado agora.

Nell não conseguia pensar em nada para dizer. Afinal ela mesma ainda estava solteira. Sabia que, mesmo com sua herança, poucos homens se casariam com uma mulher deficiente. Não importava que atualmente o seu mancar fosse quase imperceptível. E ainda havia o fato de ela ter ficado um pouco estranha depois de ter recuperado a consciência. Nenhum cavalheiro iria querer uma esposa candidata a um hospício.

Seu olhar endureceu ao pensar que quem tinha espalhado aquilo fora o próprio Aubrey, para se livrar de qualquer culpa pelo término do noivado.

Tocada pela preocupação de seu pai, ajoelhou-se ao lado dele, inclinou-se e disse com sinceridade:

— Papai, o senhor sabe que eu não desejo me casar. Nós já discutimos isso várias vezes, e não por causa do que aconteceu com Aubrey. Eu nunca encontrei um rapaz que me interessasse. — Ela sorriu. — Com minha

fortuna, não há necessidade de eu me casar. Mesmo depois que o senhor se for, o que eu espero que demore muitos anos, eu ficarei bem. O senhor não precisa se preocupar comigo.

— Mas não é natural que você permaneça solteira — ele resmungou. — Você é uma moça bonita, rica, e embora não tenha um grande título, nossa linhagem é tão digna quanto qualquer outra na Inglaterra.

— Bem, ainda há lorde Tynedale...

— Aquele canalha! Ele perdeu toda a fortuna com jogo e mulheres. Tem tantas dívidas que pode até ir para a cadeia. — Edward balançou o dedo para a filha. — Todo mundo sabe que ele está desesperado para encontrar uma esposa rica. Ouvi de lorde Vinton que ele tentou raptar a herdeira de Arnett. O pai dela a salvou a tempo, antes que acontecesse alguma coisa. Tenha cuidado quando estiver perto dele, ou você poderá se encontrar na mesma situação. — Ele agitou o dedo com mais vigor. — Eu não sou cego, eu o vi cercando você! Provavelmente ele pensa que sua fortuna irá ajudá-lo. Você não considerou essa possibilidade?

— Papai! Claro que não vou me atirar nos braços de um homem como ele... Estou ciente de sua reputação e asseguro que serei muito cuidadosa. Se algum dia eu me casar, não será com alguém como Tynedale.

Edward relaxou e sorriu.

— Você não deveria provocar seu velho pai dessa maneira, minha querida — ele deu-lhe uma bronca. — Você me mataria antes do tempo.

— Papai, o senhor se preocupa demais. Robert vai acabar se casando logo, e tenho certeza de que os gêmeos

também não demorarão muito. O senhor terá os netos que tanto quer. Espere e verá.

Do outro lado da cidade, algumas horas mais tarde, na casa do conde de Wyndham, uma conversa semelhante se desenvolveu.

O atual lorde Wyndham, o décimo da linhagem, depois de um casamento infeliz pelo bem de seu título, não estava disposto a fazer o sacrifício novamente, não importava o quanto sua madrasta chorasse ou fizesse cena.

Olhou para os restos de seu café da manhã e depois fitou-a nos olhos, que estavam rasos d'água.

— Deixe-me ver se entendi direito. Você quer que eu me case com sua afilhada e tenha um herdeiro, para que, caso eu venha a morrer, ela garanta o seu futuro?

A condessa de Wyndham fitou Julian Weston com ressentimento. Era uma mulher linda, com grandes e expressivos olhos castanhos e cabelos cacheados que emolduravam seu rosto delicado. Com trinta e cinco anos, era três anos mais moça que o enteado.

— Não sei por que você tem que usar esse tom comigo — queixou-se ela. — É tão difícil assim entender minha posição? Se você morrer sem um herdeiro, seu primo Charles irá ocupar seu lugar. E você sabe que ele vai colocar a mim e minha filha na rua.

— Pensei que você gostasse de Charles — disse Julian, inocentemente.

— Eu gosto dele — Diana admitiu. — Ele é muito divertido, mas não tem um pingão de juízo. E as mulheres que ele tem! Você bem sabe que se Charles se tornar o herdeiro, não vai querer Elizabeth e a mim sob o

mesmo teto.

Julian sorriu.

— Provavelmente ele faria isso mesmo. Deixaria vocês em algum lugar onde pudessem pegar uma carruagem e seguir para Dower House, em Wyndham.

Os dedos dela apertaram a xícara.

— Sim, é verdade que poderíamos viver lá... Enterradas no campo, numa casa que está vazia há décadas e precisa de reparos. Também é verdade que seu querido e santo pai me deu uma ótima soma em dinheiro quando nos casamos. — Ela inclinou-se para a frente. — Mas não é só o dinheiro, Julian. Você deve se lembrar de que talvez Charles não chegue a o herdeiro. Não esqueça que ele quase não escapou quando aquele barco afundou, e houve também aquele acidente com seus cavalos no mês passado. Com a maneira descuidada de Charles viver, talvez ele morra antes de você, e nesse caso Raoul herderá tudo.

Ela ficou pensativa antes de continuar:

— Eu gosto de Sofia Weston, mas você tem que admitir que a mãe de Raoul tem um gênio forte. Se o filho herdasse tudo, ela faria com que se casasse rapidamente e controlaria tudo. Seja Charles ou Raoul o herdeiro, eu nunca mais poderia pôr os pés nesta casa. A mesma casa para onde seu pai me trouxe há cinco anos. Mas tudo seria diferente se você se casasse com Georgette. Eu seria sempre bem-vinda, e Elizabeth também. Isso se ela não fugir e se casar com o capitão Carver. Você sabe quem é — acrescentou Diana. — Aquele homem asqueroso que vive com o braço pendurado dentro de uma tipoia, se achando a criatura mais romântica e irresistível do mundo. Aposto que ele nem precisa daquilo. Deve ser

tudo encenação, só para impressionar a pobrezinha da Elizabeth.

Julian suspirou. Seguir o raciocínio da madrasta era sempre exaustivo, mas naquela manhã, os pensamentos dela pareciam mais confusos que de costume.

Ele olhou para os traços delicados e não foi difícil imaginar por que seu pai ficara cativado por ela. Só que havia uma diferença básica entre ele e o pai: ele teria tido um caso com uma jovem viúva, mas não teria se casado com ela.

Não que ele culpasse o pai. Fazia vinte anos que sua mãe morrera, e o pai tinha ficado sozinho por muito tempo antes de pôr os olhos em Diana Forest e deslumbrar-se com ela.

A sociedade ficara atônita quando o nono duque de Wyndham se casara de repente com a jovem viúva de um tenente da infantaria. Além de pobre, ela já tinha uma filha de doze anos.

Mas o estranho casamento funcionou, e seu pai foi feliz. Fora uma pena que ele tivesse morrido dois anos depois do casamento. Isso acontecera três anos antes, e Julian ficara responsável por Diana e sua filha Elizabeth. Não que a menina lhe desse trabalho, ao contrário, ela o adorava. O afeto fraternal era recíproco, e ele também estimava Diana, mesmo quando ela lhe tirava a paciência.

— Você quer que eu fale com alguém da Guarda, sobre esse tal de capitão Carver? Talvez ele possa ser transferido para outro lugar. Calcutá, por exemplo?

— Você poderia fazer isso?

Julian sorriu.

— Sim, eu posso, se isso deixar você feliz.

Diana olhou para ele, incerta.

— Bem, eu não acho que Calcutá seria saudável para um homem que foi ferido, você não concorda? Eu me sentiria mal se alguma coisa acontecesse com ele. Na verdade, ele não precisaria ir para tão longe, contanto que se ocupasse com outra coisa e deixasse minha filha em paz. Será que você tem como pedir aos seus amigos da Guarda que o mantenham distraído com algo que o afaste de Elizabeth? — Ela fez uma pausa e franziu a testa, já com uma nova preocupação em mente. — Se bem que acho melhor não fazer isso... Imagine se os dois descobrem que você está por trás desse plano. Podem até tomar uma atitude drástica.

A voz dela se encheu de horror.

— Oh, Julian, você acha que Elizabeth seria capaz de fugir para se casar com aquele rapaz? Ela é tão ingênua e doce, talvez ele consiga convencê-la a fazer isso!

Sentindo que sua paciência se esgotava, Julian levantou-se. Precisava sair dali antes que *ele* fizesse alguma coisa drástica.

— Não se preocupe, Diana. Eu darei um jeito. Como sempre.

Como era sábado, Julian duvidava que encontrasse seu amigo, o coronel Stanton, no quartel. Por isso, deixou de lado a tarefa de decidir o futuro do capitão Carver. O problema poderia esperar até o começo da semana. Mas Diana não se convencia tão facilmente, e para evitar a histeria que já podia prever que viria, antes de sair ele escreveu para Stanton, solicitando um encontro na segunda-feira à tarde.

Ele não estava preocupado. Não acreditava que Elizabeth fosse perder a cabeça a ponto de fugir com o capitão, por mais que estivesse encantada com ele; era uma menina sensata e equilibrada, ao contrário da mãe, que era completamente amalucada.

Diana só podia estar maluca mesmo, Julian pensava, algumas horas mais tarde, enquanto descia a St. James Street, se achava que ele se casaria novamente só para agradar a família. Seu casamento com Catherine lhe ensinara muito bem a lição...

Catherine era uma herdeira rica, filha única do conde de Bellamy, e muito bonita. O pai dela ficou feliz com o noivado, e o pai de Julian também. Ele estava com vinte e nove anos na época, e para desespero de seu pai, até então não mostrava interesse nenhum em se casar. O pai sempre lhe pedia que pensasse no título, que quando ele se fosse queria ter pelo menos um neto, para futuramente herdar o título. E gostaria que esse neto fosse filho de Julian, não de Daniel.

Quando a encantadora lady Catherine cruzou o caminho dele alguns meses mais tarde, para agradar ao pai, Julian propôs a ela casamento. A cerimônia foi o acontecimento mais esperado do ano pela sociedade. E quando ele e sua noiva se retiraram da recepção, seu pai transbordava de alegria ao pensar nos netos que estavam por vir daquela união.

Mas lorde Wyndham estava enganado, lembrou-se Julian. Catherine não estava ansiosa para ter filhos, e Julian descobriu rapidamente que por trás daquele rosto bonito existia uma criança mimada e petulante. Em poucos meses, os dois já estavam se destratando, e antes de um ano de casados só apareciam na companhia um

do outro se fosse estritamente necessário. Nenhum dos dois foi feliz, e Julian reconhecia que Catherine devia considerá-lo tão insípido e irritante quanto ele a achava.

Mas eles levaram a situação adiante, apesar de tudo, como tantos outros casais da sociedade, que, por comodidade, sustentavam um casamento morto. E talvez ainda estivessem juntos se Catherine não tivesse morrido em um acidente de carruagem. Ela estava grávida e, ao contrário de Julian, revoltada por isso.

Embora o casamento tivesse sido um erro, Julian nunca desejara que ela morresse, e sua morte repentina e prematura o deixou chocado. Ele se sentiu culpado e triste.

Tudo isso acontecera seis anos antes, e a cada ano a determinação de Julian em não se casar aumentava. *Deixe que Charles ou Raoul tome o lugar*, ele pensava amargamente.